



## MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES TERCEIRA AÇÃO INTERNACIONAL

### Paz e Desmilitarização

Os conflitos não são todos do mesmo tipo: há **conflitos coloniais** como o caso de Inglaterra na Índia, na África de Leste, no Médio Oriente, etc; ou a França na Argélia ou na África Ocidental, entre outros. Há também **conflitos de agressão** como a Alemanha contra a Bélgica, a França e outros em 1939; há **conflitos de ocupação** como o de Israel contra a Palestina; **conflitos de fundamentalismo religioso** entre diferentes confissões ou entre diferentes correntes no seio de uma mesma confissão, e ainda conflitos orquestrados por ditadores contra a sua população como o caso de Batista em Cuba, Pinochet no Chile ou Marcos nas Filipinas, etc.

Muitos conflitos são apresentados ao mundo exterior como conflitos étnicos entre tribos ou grupos dentro de um mesmo país ou região, enquanto os verdadeiros motivos económicos permanecem ocultos. Na verdade, muitos conflitos são lucrativos, são conflitos económicos provocados para controlar recursos naturais (petróleo no Iraque, coltan para telemóveis na Região dos Grandes Lagos Africanos, etc) e as riquezas que estes prometem, além de estimularem a indústria armamentista, as milícias privadas e a indústria local de segurança.

A lista de conflitos armados é imensa, mas diferenciam-se entre si pois alguns têm uma ampla cobertura mediática<sup>1</sup> - O Afeganistão, a Colômbia, Darfur, a região dos Grandes Lagos, o Iraque, a Palestina - enquanto outros permanecem esquecidos: o País Basco, República Central Africana, Chade, Chipre, Haiti, o México, Uganda... Também devemos ter em conta os países que estão envolvidos “à distância” nos conflitos, devido aos seus interesses comerciais e da venda de armas, como a Inglaterra, a China, a França e os Estados Unidos, etc.

Guerra, conflitos e militarização são expressões da violência tornada natural pelos sistemas capitalista e patriarcal e os meios utilizados por estes para manterem o seu domínio<sup>2</sup>. Mais do que isso, a militarização reflecte a divisão dos papéis no patriarcado: o conceito de masculinidade é associado à violência e às armas, o que leva à ideia de que as mulheres necessitam de proteção dos homens e das armas.

É a instituição militar que contribui, de diferentes formas, para formar jovens homens com o objectivo de que ocupem o lugar dominante na sociedade, na hierarquia de relações sociais entre os sexos. O exército pode ser considerado como uma das organizações patriarcais mais importantes de qualquer sociedade e uma das mais reveladoras da desigualdade que caracteriza as relações homens-mulheres: hierarquização do poder, culto do chefe e seu domínio, obediência, violência física, ausência de espírito crítico, um círculo fechado dos “rapazes”, etc. Este modelo de

---

<sup>1</sup> Mesmo que a cobertura mediática seja geralmente tendenciosa e de pouca qualidade.

<sup>2</sup> Há uma percepção comum que a militarização no mundo se acentua na medida em que as despesas militares mundiais tiveram um crescimento real de 45% nos últimos dez anos. A tendência de expansão continua: entre 2006 e 2007, o aumento médio dos orçamentos militares nacionais foi de 6%. Em 2005, os Estados Unidos mantinham 737 bases militares activas em outros países com um contingente de 2 500 000 pessoas (soldados, etc.). Em 2007, as despesas militares dos Estados Unidos da América representaram 45% da despesa mundial na área da defesa. Um outro fenómeno recente é o aumento considerável do número de mercenários privados: de um total de 330 000 soldados, que estavam no Iraque em 2007, 180 000 mil são membros de empresas de segurança privada.

masculinidade associado à força e agressividade é uma referência crescente para os jovens somando-se muitas vezes ao racismo na formação de gangs.

Nos sistemas capitalista e patriarcal, as elites económicas actuam junto do Estado de diferentes maneiras colocando os governos ao seu serviço para manter o controlo dos povos e das mulheres. O aumento da repressão, o reforço das forças policiais e a adopção de políticas de tolerância zero, que alimentam ainda mais o ciclo da violência são instrumentos para manter essas relações, utilizando-se ainda a criminalização dos que vivem na pobreza ou que lutam contra ela, como as migrantes e os movimentos sociais. Este controlo é também mantido através ou da provocação de conflitos ou da indiferença face a conflitos motivados pela delimitação de territórios, por uns poucos empregos ou por uns poucos recursos públicos.

### **O corpo das mulheres: um campo de batalha para os soldados**

As mulheres sempre sofreram os males da guerra, psicologicamente, socialmente, física e economicamente. Assim, desde a antiguidade até ao presente, a violação massiva de mulheres é parte integral da guerra. As mulheres e os seus corpos foram considerados ora como despojo de guerra, ora como moeda de troca. São vistas como o repouso do guerreiro, o seu corpo identificado como solo inimigo e, por isso, um campo de batalha. A luta dá-se pelo controlo dos corpos das mulheres vistas como um recurso igual a qualquer outro e por isso um motivo legítimo para o conflito. Em todos estes casos as mulheres são rebaixadas à categoria de objecto e percebidas como propriedade dos homens.

A violação é utilizada para humilhar, desonrar e desmoralizar o inimigo. É tratada como um meio de propaganda militar ou, como ocorreu mais recentemente na Bósnia-Herzegovina, como política de purificação e limpeza étnica. No Ruanda, foi instrumentalizado como acto de genocídio, no Haiti como instrumento de terror político, ou ainda como símbolo de vitória. As consequências desta brutalidade não se limitam aos aspectos físicos - contágio de doenças sexualmente transmissíveis, uma possível gravidez, rasgos, fístulas- mas também aos aspectos psicológicos - depressão, perda de auto-estima, culpabilização, etc. Uma mulher violada e a/o filha/o fruto da violação são frequentemente isoladas e marginalizadas pela sua comunidade e rejeitadas pelo seu marido e família, carregando a culpa pela extrema violência que sofreu. Para muitas mulheres as únicas opções são o silêncio ou a rejeição, com todas as consequências socioeconómicas que isto acarreta.

### **O quotidiano das mulheres nos conflitos armados**

- Nos conflitos denominados “modernos”, o número de vítimas civis é muito mais alto que o das vítimas militares e é maioritariamente composto por mulheres e crianças;
- O aumento sistemático da prostituição nos arredores das bases militares ou nos acampamentos militares durante os conflitos armados, com a regulamentação de casas de prostituição “oficiais” que servem para o repouso do guerreiro. Muitas vezes trata-se de mulheres violentadas e retiradas das suas comunidades e assim traficadas e forçadas à prostituição;
- As mulheres são responsáveis pela continuação da vida quotidiana, cuidar das crianças, procurar e preparar a comida, etc... Em tempos de conflito estas tarefas tornam-se muito difíceis e frequentemente arriscadas (destruição das suas casas, falta de mantimentos, aumento dos preços e dependência das ONG, etc.). Com o fim do conflito, as mulheres normalmente encontram-se com uma família reduzida tendo perdido o marido, filhas e/ou filhos e outros membros da família, tendo que cuidar sozinhas de crianças, pessoas idosas e doentes. Quando o

marido consegue regressar da guerra vem muitas vezes gravemente ferido, física e psicologicamente, marcado pelos horrores da guerra;

- Uma grande taxa de deslocamento forçado resulta num número altíssimo de mulheres refugiadas;
- As mulheres vivem humilhações permanentes durante e depois dos conflitos. As mulheres palestinianas, por exemplo, são vítimas constantes de assédio sexual em postos de controlo israelitas, também conhecidos como “barreiras de humilhação”;
- O número de armas em circulação aumenta drasticamente e as mulheres são obrigadas a armar-se para se proteger (Darfur), fortalecendo a cultura da violência e da força.
- A violência doméstica aumenta durante os conflitos armados e depois, se os maridos retornam à casa;
- O fundamentalismo aumenta em tempos de Guerra o que resulta na precarização das mulheres que vêem negados direitos fundamentais;
- As liberdades fundamentais são negadas em nome de “garantir a segurança nacional”;
- Os orçamentos militares pesam muito nas finanças públicas o que diminui os investimentos nos serviços públicos como saúde, educação, segurança social, habitação e outros serviços dificultando ainda mais a vida das mulheres e das suas famílias.

## **Feminismo**

Há muitas perspectivas que defendem a importância das mulheres na construção de uma cultura de paz. Há aquelas, por exemplo, que defendem a participação das mulheres como instrumento central para o processo de paz devido ao seu papel natural e espiritual como criadoras de vida, e ao facto de que as mulheres são naturalmente menos propensas à violência.

Por outro lado, a nossa visão feminista vincula o patriarcado e o capitalismo à guerra. Reivindicamos a desmilitarização e defendemos que a cultura de paz vai além da mera ausência da guerra. Desta forma, lutamos pelos direitos das mulheres em zonas de conflito, pelo fim da violência sexual e da escravidão como armas de guerra e protestamos contra a impunidade dos agressores, sejam eles Estados ou grupos. A nossa acção contra a guerra e militarização reivindica a inclusão das mulheres nos processos de paz, defende a desobediência civil como reacção à agressão, e tem por objectivo construir redes e articulações transnacionais e a rejeição do imperialismo.

Para que uma paz activa se torne realidade, necessitamos lutar pelo reconhecimento integral dos direitos das mulheres, pela participação equitativa e paritária nos processos de construção da paz, pela erradicação da pobreza, da violência e da exclusão, pela promoção da solidariedade, pela existência de um sistema de justiça independente e por uma educação para a paz e não sexista.

A resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU) sublinha o impacto da guerra sobre as mulheres e exige que os Estados-membros incluam as mulheres em todas as negociações de paz e nos processos de resolução de conflitos. A sua aprovação foi o resultado do trabalho feito pelas organizações e acções das mulheres, incluindo a acção Internacional da MMM em 2000.

## **Na luta contra a militarização, exigimos:**

- Redução das despesas militares, ou seja, do orçamento público utilizado para a compra de armas, instalação de bases militares ou para a manutenção de exércitos e suas infra-estruturas. O fim de incentivos para o fabrico e comércio de armas;
- O fim imediato dos acordos sobre bases militares estrangeiras;
- A retirada de tropas presentes em países onde o conflito terminou ou onde os acordos militares chegaram ao fim;
- O fim da criminalização do protesto, dos movimentos sociais, da pobreza e da imigração. Esta criminalização é justificada pela manipulação ideológica da luta contra o terrorismo e a favor da segurança nacional a fim de legitimar o uso da guerra e do próprio terror para controlar as mulheres, os povos e os recursos naturais;
- A punição dos perpetradores da violência contra as mulheres em situações de conflito sejam eles governos, forças paramilitares, grupos de guerrilha, capacetes azuis da ONU, como também maridos e/ou parentes;
- A participação igualitária das mulheres nos processos de prevenção e gestão de conflitos, assim como nos de manutenção de paz e de processos de construção pós-bélica.

### **E comprometemo-nos a:**

- Denunciar o papel da indústria de armas na manutenção dos conflitos, da militarização e na manipulação das políticas governamentais para estes fins, bem como denunciar governos e empresas transnacionais que retiram lucros económicos dos conflitos através do controlo de recursos naturais como o petróleo, a água e minerais, quer no seu próprio território como noutros.
- Levar a cabo um processo amplo de educação popular com as mulheres capacitando-as em temas como os acordos sobre bases militares, recursos naturais dos territórios/países, motivações económicas e políticas dos conflitos, o papel dos países que apoiam ou produzem as guerras, a indústria armamentista, etc. Fortalecer ainda as mulheres para que quebrem o código de silêncio quanto à violência sexual e outras formas de violência em zonas de conflito.
- Divulgar a realidade dos países e regiões em conflito, incluindo conflitos “escondidos”, e a dupla violência extrema sofrida pelas mulheres nestas situações através da difusão de material informativo textual e audiovisual bem como através da organização de eventos e actividades diversas. O objectivo é tornar a Marcha Mundial das Mulheres uma Rede de Alerta e Solidariedade capaz de aprofundar a reflexão e motivar a acções urgentes com as pessoas afectadas pelo conflito;
- Dada a passividade, ineficiência para conseguir a paz e a impunidade de que gozam enquanto perpetradores de violência contra as mulheres, queremos reexaminar criticamente a presença das forças de “manutenção de paz” da ONU em situações de conflito, baseando-nos nos testemunhos de mulheres vítimas da guerra e protagonistas de paz.